AQUELES DOIS: SACRIFÍCIO E HUMANIZAÇÃO

Luana Teixeira Porto*
Universidade Federal de Santa Maria

Resumo:

Este trabalho analisa a representação do preconceito contra homossexuais no conto *Aqueles Dois*, de Caio Fernando Abreu, procurando apresentar teorias de diferentes áreas humanas para explicar a repressão sexual e alertar para a proposta de reflexão que o texto oferece ao problematizar tal preconceito.

Publicado em 1982, em *Morangos Mofados*, de Caio Fernando Abreu, *Aqueles Dois* é um conto de temática homossexual que problematiza a ação e o olhar da sociedade diante de posturas que não seguem os valores estabelecidos pelo patriarcado no que se refere à identidade sexual. O enredo do conto centra-se nos personagens Raul e Saul, amigos e colegas de trabalho que, julgados como homossexuais, são demitidos do emprego porque, segundo os funcionários e o chefe da repartição, mantêm “relação anormal e ostensiva”.

Arenas, ao propor uma leitura para o livro “Morangos Mofados”, diz que as vozes homossexuais no livro “se revelam às vezes de modo direto (...) e às vezes de modo alegórico” (Arenas 1992:59). No caso *d’Aqueles Dois*, não podemos falar em vozes homossexuais porque a história é contada por um narrador em terceira pessoa que não é personagem, mas podemos dizer que, no desenvolvimento do texto, a fala do narrador é apresentada de modo alegórico, pois é na figura dele que tomamos conhecimento da história. O narrador, num tom insinuante e muitas vezes ambíguo, ora nos esclarece os fatos, ora nos deixa dúvidas quanto ao desenrolar da história e ao relacionamento de Raul e Saul.

O narrador do conto é o elemento central da estrutura narrativa, pois é através dele que são colocados o suspense e as sutilezas da relação entre Saul e Raul. Durante todo o conto, o narrador nos leva a mergulhar na história num movimento de “vai e vem” que quebra nossas expectativas quanto à definição do envolvimento (amoroso e/ou sexual ou nenhum dos casos) entre os colegas de trabalho.

Na primeira parte do conto, que é dividido em seis segmentos, o narrador insinua uma relação especial entre os dois personagens, embora deixe isso em aberto até o final: “Num deserto de almas também desertas, uma alma especial reconhece de imediato a outra - talvez por isso, quem sabe?” (Abreu 1995:133). A indagação no final do fragmento acentua ainda mais nossa expectativa diante da situação, uma vez que a pergunta sugere uma possível aproximação entre os personagens. As frases seguintes a esse trecho do conto, as quais tratam da primeira vez que Raul e Saul se viram, são fundamentais para instigar-nos a pensar sobre as “afinidades” entre os personagens e a possibilidade de haver um interesse mútuo entre eles desde o momento em que se conheceram:

Não chegaram a usar palavras como *especial*, *diferente* ou qualquer outra assim. Apesar de, sem efusões, terem se reconhecido no primeiro segundo

*Bolsista de Iniciação Científica (FIEX-UFSM), integrante do Projeto Integrado Literatura e Autoritarismo, coordenado pela Profª Dra. Rosani Úrsula Ketzer Umbach e pelo Prof. Dr. Jaime Ginsburg, os quais são os orientadores deste trabalho.

do primeiro minuto. Acontece que não tinham preparo algum para dar nome às emoções, nem mesmo para tentar entendê-las.

(Abreu 1995: 133-134)

Ao relatar a forma como um personagem se apresentou ao outro, o narrador sugere mais uma vez, de forma sutil, uma simpatia entre os dois protagonistas do conto, que logo trataram de seus afazeres para não criar mal-entendidos a respeito deles: “Disseram prazer, Raul, prazer, Saul, depois como é mesmo o seu nome? sorrindo divertidos da coincidência. Mas discretos, porque eram novos na firma *e a lente, afinal, nunca sabe onde está pisando*.” (Abreu 1995:134, grifos nossos). A frase grifada apresenta uma indefinição da voz que fala, não sabemos se é o narrador que emite o juízo ou se é um dos personagens que faz a declaração. A ambigüidade da sentença quebra a monotonia da leitura e provoca uma situação de choque no leitor, que deve refletir para saber quem está falando.

De acordo com a teoria de Bakhtin, a frase em questão apresenta uma construção híbrida, pois em um único enunciado podem se distinguir dois modos de falar, dois posicionamentos (o do narrador ou o do personagem). Conforme Bakhtin, denomina-se construção híbrida “o enunciado que, segundo índices gramaticais (sintáticos) e composicionais, pertence a um único falante, mas onde, na realidade, estão confundidos dois enunciados, dois modos de falar, dois estilos, duas ‘linguagens’, duas perspectivas semânticas e axiológicas.” (Bakhtin 1988:110). A expressão “a gente” pode se referir tanto à fala do narrador como à do personagem, cabendo ao leitor recuperar o contexto maior de leitura do conto para decidir de quem é a voz. Como a leitura do conto propõe uma (re)visão dos princípios da sociedade que reprime quem transgride as regras morais, podemos considerar que a declaração é do próprio narrador, pois é através do discurso dele que assumimos uma posição de contestação destes valores e que passamos a “encarar” a sociedade sem poder confiar nela (não sabemos onde estamos pisando).

Ainda na primeira parte do conto, o narrador direciona nossas expectativas, projetando novamente uma suposta identificação entre Raul e Saul que poderia resultar num envolvimento amoroso. O fragmento a seguir é o trecho mais exemplar de todas as insinuações do narrador:

Tentaram afastar-se quase imediatamente, deliberando limitar-se a um cotidiano oi, tudo bem ou no máximo, às sextas, um cordial bom-fim-de-semana-então. Mas desde o princípio alguma coisa — fados, astros, sinas, quem saberá? Conspirava contra (ou a favor, por que não?) aqueles dois.

(Abreu 1995: 134)

A segunda parte do conto quebra a continuidade temática do segmento anterior porque se constitui da apresentação dos personagens: o narrador nos relata a origem e o porte físico de cada um deles, os seus gostos, os seus pertences, etc. Assim estabelecidos os relatos, a narrativa vai se desenvolvendo de forma circular, já que não há uma progressão semântica dos fatos narrados. A todo momento o narrador desestabiliza nossas expectativas, pois, quando esperamos uma definição da situação dos personagens, temos um novo assunto abordado, fazendo com que nós, leitores, nos envolvamos ainda mais na história.

Nos dois segmentos seguintes do conto, o narrador nos informa sobre a aproximação de Raul e Saul no trabalho, as conversas que tinham, os programas que faziam nos fins de semana, etc. Antes de se tornarem amigos, os personagens falavam

apenas sobre coisas banais como uma forma de manter contato com colegas da repartição. Diz o narrador:

Cruzavam-se silenciosos, mas cordiais, junto à garrafa térmica do cafezinho, comentando o tempo ou a chatice do trabalho, depois voltavam às suas mesas. Muito de vez em quando um pedia fogo ou um cigarro ao outro, e quase sempre trocavam frases como tanta vontade de parar, mas nunca tentei, ou já tentei tanto, agora desisti. (Abreu 1995: 136)

O fato que desencadeou a amizade entre os dois personagens foi o atraso de Saul para um dia de trabalho. Ao questionar o motivo do atraso, Raul ficou sabendo que Saul perdeu a hora porque ficou até tarde assistindo a um filme. Como Raul já havia visto aquele filme, os dois “falaram sem parar sobre o filme” (p. 136), propiciando outros momentos de conversas nos próximos dias: “Outros filmes viriam nos dias seguintes, e tão naturalmente como se alguma forma fosse inevitável, também vieram histórias pessoais, passados, alguns sonhos, pequenas esperanças e *sobretudo queixas*. Daquela firma, daquela vida, *daquele nó*, confessaram uma tarde cinza de sexta, Lclor *apertado no fundo do peito*.” (itálicos nossos - p.137). Ironicamente, o nome do filme que deu início às conversas deles era “Infâmia”. Raul e Saul podem ter sido vítimas de infâmia quando a sociedade os condenou por terem cometido “desavergonhada aberração” (como veremos mais adiante), sem ao menos ter apresentado provas do ato de acordo com a postura tradicional e preconceituosa da sociedade autoritária.

As expressões grifadas são indício de que os personagens tinham algo para falar ou anunciar, mas que não o faziam; guardavam o pensamento “apertado no fundo do peito”. O “nó” a que alude o narrador pode ser originário de alguma emoção reprimida, de algo que os personagens não tinham coragem de declarar, o que acentua ainda mais o tom misterioso dos relatos.

Se articularmos o fragmento comentado com um outro seguinte, podemos induzir que as “queixas” e o “nó” se referem à vida pacata que os personagens levavam e aos seus romances fracassados: “E concordaram, bêbados, que estavam ambos cansados de todas as mulheres do mundo, suas tramas complicadas, suas exigências mesquinhas. Que gostavam de estar assim, agora, sós, donos de suas próprias vidas. Embora, isso não disseram, não soubessem o que fazer com elas.” (p. 137).

A partir dessas conversas, Raul e Saul passaram a se encontrar mais vezes e, quando um não aparecia para trabalhar, o outro ficava desolado, sem companheiro para trocar idéias. Devido a uma ressaca, certo dia Saul não foi à repartição e “Inquieto, Raul vagou o dia inteiro pelos *corredores subitamente desertos, gelados*, cantando baixinho ‘Tu me acostumbraste’, entre inúmeros cafês e meio maço de cigarros a mais que o habitual.” (Abreu 1995:137, grifos nossos). Outra passagem do conto também comprova essa sensação de solidão que eles sentiam quando ficavam sem companhia para conversar. O fragmento a seguir refere-se à ausência de Raul durante uma semana devido à morte de sua mãe:

Desorientado, Saul vagava pelos corredores da firma esperando um telefonema que não vinha, tentando em vão concentrar-se nos despachos, processos, protocolos. À noite, em seu quarto, ligava a televisão gastando tempo em novelas vadias ou desenhando olhos cada vez mais enormes, acariciava Carlos Gardel. Bebeu bastante nesta semana. (Abreu 1995: 139)

O entendimento entre eles se tornava cada vez maior e Raul e Saul começaram a se ver também nos finais de semana, onde “Almoçavam ou jantavam, bebiam, fumavam, jogavam cartas, falavam o tempo todo” (p. 139) e cantavam e ouviam discos:

quem cantou foi Raul: ‘Perfidia’, ‘La barca’, ‘Contigo en la distancia’ e, a pedido de Saul, outra vez, duas vezes, ‘Tu me acostumbraste’. Saul gostava principalmente daquele pedacinho assim *sutil llegaste a mí como una tentación llenando de inquietud mí corazón*. (Abreu 1995: 138)

Enquanto Raul cantava - vezenquando ‘El día que me quieras, vezenquando’ “Noche de ronda” -, Saul fazia carinhos lentos na cabecinha de Carlos Gardel pousado no seu dedo indicador. (Abreu 1995: 139)

Saul deu a Raul uma disco chamado *Os grandes sucessos de Dalva de Oliveira*. A faixa que mais ouviram foi ‘Nossas vidas’, prestando atenção naquele trechinho que dizia *até nossos beijos parecem beijos de quem nunca amou*. (Abreu 1995:141)

Nestes fragmentos, há um aspecto que configura a intenção do narrador em deslocar e confundir a todo momento nossa visão sobre o relacionamento dos personagens: as referências a músicas. As canções citadas, pela letra que possuem, apresentam, na maioria das vezes, um teor romântico, em que o sujeito se declara apaixonado por alguém. A referência a essas músicas e a versos de algumas delas põe novamente em evidência o interesse do narrador em insinuar um sentimento amoroso entre Raul e Saul.

Ao perceber que Raul e Saul estavam sempre conversando no trabalho e nos horários de descanso, os colegas da repartição começaram a ter um olhar mais atento sobre os dois, falando baixinho sobre eles. Arenas afirma que assim que a amizade entre Raul e Saul se tornou “mais íntima (embora não-sexual)”, o “olhar da sociedade circundante” tornou-se também “mais crítico” (Arenas 1992:64). O fragmento a seguir comprova essa afirmação: “Na segunda-feira não trocaram uma palavra sobre o dia anterior. Mas falaram mais do que nunca, e muitas vezes foram ao café. As moças em volta espiavam, às vezes cochichavam sem que eles percebessem.” (Abreu 1995: 138).

Na passagem seguinte, o julgamento e o tratamento discriminatório dos colegas da firma em relação a Raul e Saul representam a postura moralizante, preconceituosa e autoritária da sociedade, que acredita ter o direito de invadir a vida das pessoas e dar a “sentença final” sobre os assuntos privados da vida alheia:

Uma noite, porque chovia, Saul acabou dormindo no sofá. Dia seguinte, chegaram juntos à repartição, cabelos molhados do chuveiro. Nesse dia as moças não falaram com eles. Os funcionários barrigudos e desalentados trocaram alguns olhares que os dois não saberiam compreender se percebessem. Mas nada perceberam, nem os olhares nem duas ou três piadas enigmáticas. (Abreu 1995: 139)

Pelo relato do narrador, podemos inferir que o fato que culminou na rejeição social a Saul e Raul foi o de que eles “chegaram juntos à repartição” e estavam com os “cabelos molhados do chuveiro”, uma vez que essas imagens poderiam remeter, na mente dos empregados, a uma noite de amor entre Raul e Saul, o que seria inadmissível

na perspectiva do patriarcado. Isto porque o patriarcado só reconhece o envolvimento amoroso e sexual entre pessoas de sexo diferente (como veremos mais adiante através das reflexões de David Foster).

Durante a semana que Raul esteve fora porque sua mãe havia morrido, Saul teve um sonho bastante curioso. Neste sonho, a situação representada parece antecipar metonimicamente o que a sociedade faria com eles alguns meses depois, destacando a estratégia do narrador em nos instigar a refletir sobre a sociedade repressora: “E teve um sonho: caminhava entre as pessoas da repartição, todas de preto, acusadoras. À exceção de Raul, todo de branco, abrindo os braços para ele. Abraçados fortemente, e tão próximos que um poderia sentir o cheiro do outro. Acordou pensando estranho, ele é que devia estar de luto.” (Abreu 1995: 139-140).

As imagens do sonho focalizam o traço “acusador” da sociedade em “incriminar” sem ter provas. As “pessoas da repartição” são frias, sombrias e autoritárias, como constatamos através da indicação de que elas estavam “todas de preto”, imagens que também convergem para uma idéia de perigo e ameaça. Por outro lado, a figura de Raul no sonho aponta para uma sensação de paz e harmonia, pois estava “todo de branco”, sugerindo assim que ele tinha uma consciência tranqüila quanto a seus atos e que não estava culpando Saul.

A posição instável do narrador, no sentido de que desestabiliza nossas expectativas, fica bem marcada na quinta parte do conto, onde ele relata alguns gestos de Saul e Raul para confortarem-se e aliviarem-se das tensões, destacando a profunda amizade dos personagens. O trecho que exemplifica esta constatação refere-se ao desolamento e à tristeza de Raul com a morte da mãe:

Quando Saul estava indo embora, começou a chorar. Sem saber ao certo o que fazia, Saul estendeu a mão, e quando perceberam seus dedos tinham tocado a barba crescida de Raul. Sem tempo para compreenderem, abraçaram-se fortemente. E tão próximos ficaram que um podia sentir o cheiro do outro: o de Raul, flor murcha, gaveta fechada; o de Saul, colônia de barba, talco. A mão de Saul tocava a barba de Raul, que passava os dedos pelos caracóis miúdos do cabelo do outro. Não diziam nada. (Abreu 1995: 140).

A amizade de Saul e Raul era o que supria as suas carências afetivas e o que eles tinham de mais importante na vida: “Afastaram-se. Raul disse a Saul qualquer coisa como não tenho mais ninguém no mundo, e Saul outra coisa como você tem a mim agora, e para sempre. Usavam palavras grandes - ninguém, mundo, sempre - e apertavam-se as duas mãos ao mesmo tempo, olhando-se nos olhos injetados de fumo e álcool.” (Abreu 1995: 140).

A última parte do conto é a mais densa do texto porque é a partir dela que discutimos o “olhar” da sociedade sobre os homossexuais. O segmento final constitui-se do julgamento e da condenação de Raul e Saul perante a moral e os valores da sociedade representada no conto. A passagem que relata a ação do chefe da repartição onde trabalhavam os dois assinala os princípios conservadores e preconceituosos da sociedade que os censura e discrimina:

Quando janeiro começou, quase na época de tirarem férias (...), ficaram surpresos naquela manhã em que o chefe da seção os chamou, perto do meio-dia. Fazia muito calor. Suarento, o chefe foi direto ao assunto: tinha recebido algumas cartas anônimas. Recusou-se a mostrá-las. Pálidos, os dois

ouviam expressões como ‘relação anormal e ostensiva’, ‘desavergonhada aberração’, ‘comportamento doentio’, ‘psicologia deformada’, sempre assinadas por Um Atento Guardião da Moral. Saul baixou os olhos desmaiados, mas Raul levantou de um salto. Parecia muito alto quando, com uma das mãos apoiadas no ombro do amigo e a outra erguendo-se atrevida no ar, conseguiu ainda dizer a palavra *nunca*, antes que o chefe, depois que as coisas como a-reputação-de-nossa-firma ou tenho-que-zelar-pela-moral-dos-meus-funcionários, declarasse frio: os senhores estão despedidos. (Abreu 1995: 141-142).

A expressão “nunca” proferida por Raul diante das acusações do chefe soa como uma tentativa de explicação que não chega a ser concretizada. Queria dizer ao Raul que as acusações eram falsas? Não podemos saber porque o conto deixa isso em suspense, mas podemos deduzir que ele não tinha nenhum sentimento de culpa, pois “levantou de um salto” e “parecia muito alto”, o que pressupõe uma ausência de intimidação diante da “autoridade” que o julgava e uma certeza de sua inocência quanto ao “seu crime”. O fragmento seguinte reforça esta afirmação: “Mas quando saíram pela porta daquele prédio grande e antigo, parecido com uma clínica psiquiátrica ou uma penitenciária, vistos de cima pelos colegas todos na janela, a camisa branca de um e a azul do outro, estavam ainda mais altos e mais altivos.”(Abreu 1995: 142).

No último parágrafo do conto, o narrador direciona a nossa visão para nos determos na sociedade que reprime e pune Raul e Saul: “Pelos tardes poeirentas daquele resto de janeiro, quando o sol parecia a gema de um enorme ovo frito no azul do céu, ninguém conseguiu trabalhar em paz na repartição. Quase todos ali tinham a nítida sensação de que seriam infelizes para sempre. E foram.” (Abreu 1995: 142). Embora não tenhamos uma definição de quem “seriam os infelizes para sempre” porque o verbo em terceira pessoa não nos permite identificar se eram Raul e Saul ou os funcionários, podemos dizer que os “infelizes” seriam os funcionários da repartição, a sociedade que os condenou. Defendemos esta idéia porque, na produção literária de Caio Fernando Abreu, vários textos de temática homossexual apresentam um posicionamento que nos leva a questionar esses valores e a conduta da sociedade, acentuando a moral preconceituosa que ela prega. Neste sentido, Arenas foi feliz ao dizer que neste caso “o título do conto é subvertido e já não são ‘aqueles dois’ os condenados, mas a sociedade, ‘aqueles outros’.” (Arenas 1992:64).

Para a interpretação de “Aqueles Dois”, várias são as possibilidades de análise do “teor social” que pode ser discutido através da problematização do homossexualismo no conto. Optamos por apresentar alguns estudos de diferentes ramos do conhecimento que se relacionam direta ou indiretamente com a questão abordada no conto de Caio Fernando Abreu por acreditarmos que é necessária uma articulação de outras áreas humanas com a literatura para efetuarmos uma reflexão mais profunda e consistente sobre nossos objetos de pesquisa. Neste sentido, buscamos explorar trabalhos de Estudos Culturais e Antropologia.

David William Foster, estudioso da cultura e da literatura latino-americana e da sexualidade, acredita que é necessária uma (re)consideração sobre o corpo humano no sentido de reconhecer outras formas legítimas de prazer que não sejam as da heterossexualidade: “Se contempla una reconsideración del cuerpo humano, urgida a tanto por la necesidad de combatir la primacía obsesiva de la heterosexualidad em lo genital como única sede del placer legítimo y como metonimia rectora para establecer la identidad del individuo, como por la propuesta creciente de propiciar la erotización

total del cuerpo” (Foster 2000: 17). Nesta perspectiva, compartilhamos a mesma opinião de Foster quando ele diz que o ideal sexual defendido pelo patriarcado é aquele entre homem e mulher, onde o prazer se legitima na relação macho-fêmea: “El patriarcado funciona sobre la base de una estricta homología entre masculino (macho)-masculino-hombre y femenino (hembra)-femenino-mujer” (Foster 2000:21), sendo que “La única mirada legítima dirigida al cuerpo es la que confirma su asimilación al sistema homológico del patriarcado” (Foster 2000:26).

Assim, de acordo com Foster, quem não segue as “regras” do sistema tem sua situação contestada dentro dele, uma vez que a estrutura do patriarcado não admite definições sexuais diferentes das heterossexistas por acreditar que é inconveniente para o sistema aceitar outras formas de configuração da identidade sexual. Segundo o pesquisador, “Se encubre, se elimina, se olvida cualquier acto o proceso que tienda a propiciar algo que desmienta este sistema es una amenaza para él y la participación del individuo en el mismo” (Foster 2000:26).

As idéias de Foster podem ser relacionadas com a situação de repressão vivida pelos personagens do conto. Eles foram demitidos pelo chefe da repartição com a justificativa de que mantinham *relação anormal e ostensiva* e apresentavam *comportamento doentio e psicologia deformada*. Assim explicitados os «argumentos» para a impossibilidade de permanência de Raul e Saul naquele emprego, podemos detectar, através das expressões usadas pelo chefe da repartição, que os princípios em que ele acredita fazem parte do sistema fechado da sociedade. E esta, como declara Foster, não permite outras formas de prazer e relacionamento sexual que não sejam a relação binária homem-mulher. Desse modo, a sociedade continua perpetuando a regra da «primacia obsesiva de la heterosexualidad», reservando aos «guardiões da moral» a tarefa de eliminar os indivíduos que não obedecem às regras desse sistema e que podem colocá-lo em risco. Demitir Raul e Saul do emprego foi a forma encontrada pelos moralistas para impedir futuros problemas, já que num meio social onde só se aceita a «relação sexual legítima» a presença do «diferente» incomoda!

As considerações de René Girard sobre a violência sacrificial na sociedade também podem nos ajudar a entender os atos repressivos do patriarcado contra os homossexuais, situação representada no conto através da “condenação” social imposta a Raul e Saul. Segundo Girard, a sociedade procura aliviar suas tensões e resolver seus conflitos, deslocando toda a sua violência e as suas tensões para uma “vítima alternativa”: “A violência não saciada procura e sempre acaba por encontrar uma vítima alternativa” (Girard 1990:14).

Em vez de cada um desviar sua raiva para outra pessoa e esta deslocar sua violência para outro indivíduo, criando desse modo uma explosão de conflitos, escolhe-se uma vítima sacrificial para recompor a unidade social: “A sociedade procura desviar para uma vítima relativamente indiferente, uma vítima ‘sacrificável’, uma violência que talvez golpeasse seus próprios membros, que ela pretende proteger a qualquer custo” (Girard 1990:15). A violência, assim constituída, teria a função social de apaziguar a sociedade e impedir a proliferação da violência, uma vez que se faria “uma verdadeira operação de transferência coletiva, efetuada às custas da vítima, operação relacionada às tensões internas, aos rancores, às rivalidades e a todas veleidades recíprocas de agressão no seio da comunidade” (Girard 1990:20).

A tese de Girard colabora para a compreensão do conto de Abreu na medida em que percebemos na figura de Saul e Raul as “vítimas alternativas” para o exercício da violência praticado pela sociedade para resolver seus próprios problemas internos.

Especialmente no Brasil, homossexuais são marginalizados socialmente, são temas de piadas grosseiras (como está indicado no próprio conto) tanto nos programas

de televisão quanto em conversas entre amigos, são caricaturados de forma que as suas figuras provoquem risos na platéia. São os seres vulneráveis a todos os tipos de agressão, seja ela física ou moral, e estão próximos ao alcance do povo. Caracterizados desta forma, a sociedade vê neles a vítima mais adequada para desviar suas tensões, uma vez que dificilmente alguém “tomaria as dores” pelos homossexuais e sairia em defesa de seus direitos e de sua dignidade humana. Os funcionários e o chefe da firma procuraram amenizar seus conflitos ao sacrificar Raul e Saul, ou seja, ao eliminá-los da convivência social.

O tema do bode expiatório de Girard é essencial para compreendermos a atitude da sociedade diante de fortes tensões. Mas também podemos associar a questão aos limites entre o público e o privado. A ação da sociedade, representada pela postura preconceituosa dos funcionários da repartição onde trabalhavam Saul e Raul, ultrapassa a fronteira do público, uma vez que, ao “condenar” Raul e Saul, as pessoas estão invadindo a privacidade dos dois. Julgar relacionamentos que dizem respeito somente às pessoas envolvidas demonstra um atrevimento em exceder os limites dos valores da vida privada.

Jurandir Freire Costa escreveu excelentes textos abordando o dimensionamento que se dá ao público e ao privado e apontando implicações que pode haver quando se privilegia um aspecto em detrimento de outro. Em *A intencionalidade da dor*; Costa discute o caso do “funeral midiático” da princesa Diana e os interesses de mercado da mídia em divulgar a vida da princesa, tornando-a uma “vítima da desafortunada vida familiar e da opressão da nobreza” para “ter uma boa história para vender” (Costa 1999:103). O problema dessa situação é que a mídia sempre sobrepuja os valores capitalistas aos valores humanos. O mais importante era tornar pública a trajetória de vida da princesa e com isso obter lucros e não discutir a atuação extrema dos fotógrafos em perseguir desesperadamente a princesa para tirar fotos e publicar nos jornais, o que provocou o acidente que levou Diana à morte.

Neste sentido, Costa faz uma ressalva ao dizer que os meios de comunicação “também aproveitaram a chance para redimir a vida que levamos, exaltando os valores da vida privada, em forte baixa no convívio social: respeito à privacidade, capacidade de doação, altruísmo, sentido de família e assim por diante” (Costa 1999:103). O alerta dele também cabe ao conto de Abreu. O desrespeito à privacidade de Raul e Saul demonstra que a sociedade não está preocupada em cultivar valores éticos, morais e sociais que asseguram a liberdade de escolha sexual dos indivíduos, mas sim em “zelar pela moral” que, preconceituosa e conservadora, ignora a existência do diferente e do sexualmente legítimo. O conto chama a nossa atenção para pensar a interferência da vida pública na privada, uma vez que a sociedade não consegue definir até que ponto pode intervir (se é que tem esse direito) na vida particular das pessoas, acabando por misturar “razões públicas” com “emoções privadas”.

Ao finalizar a exposição de alguns caminhos para o processo de leitura do conto, gostaríamos de ressaltar que não nos cabe decidir, como leitores, se Raul e Saul eram mesmo amantes ou não. O conto não se propõe a induzir esta questão. O suspense da narrativa até o final do texto não é casual nem tem a pretensão de nos questionar sobre o suposto envolvimento amoroso entre os dois. A indefinição que permeia todo o conto nos leva a acreditar que esse suspense é uma estratégia para instigar nossa reflexão sobre os motivos que levam a sociedade a condenar pessoas que, segundo a moral conservadora e autoritária, transgridem valores morais.

A falta de “provas concretas” quanto ao relacionamento amoroso e sexual de Saul e Raul acentua ainda mais a intolerância e a mediocridade da sociedade como aponta o subtítulo do conto (“História de aparente mediocridade e repressão), tornando

ainda mais agressiva e repugnante a repressão exercida por ela. Ao levar-nos à reflexão sobre esse olhar da sociedade conservadora, o conto também nos direciona a pensar o valor da literatura no sentido de despertar nossa consciência para a discussão de problemas sociais, pois, como afirma Candido, “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóla e combate” os princípios que a sociedade defende ou abomina, “fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.” (Candido 1995:243). Nesta perspectiva, Candido aponta a função humanizadora da literatura, entendendo por humanização “o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.” (Candido 1995: 249)

Para o autor, “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.” (Candido 1995:249). De acordo com o posicionamento de Candido, consideramos que *Aqueles Dois* desempenha um papel humanizador, uma vez que nos proporciona uma visão diferenciada do mundo e da sociedade, colocando-nos diante dos “problemas da vida” e alertando-nos para as injustiças e julgamentos antecipados que a sociedade pode cometer ao excluir indivíduos que, na concepção dos valores morais estabelecidos pela sociedade, “violam” as normas sociais. O conto, ao abordar o preconceito social contra homossexuais, propõe-nos uma compreensão mais profunda da sociedade e dos nossos semelhantes, destacando que os valores humanos não podem se sobrepor aos valores morais medíocres e autoritários e que os direitos e a dignidade humanos têm de ser respeitados por toda a sociedade.

Em vista desta conscientização e da tarefa de mudar esses valores arraigados na cultura tradicional, uma declaração de Foster é fundamental no sentido de apontar nosso dever enquanto seres envolvidos num processo cultural anti-conservador que respeita a individualidade e a opção sexual de cada um: “reconhecer que a sexualidade é construída, reconhecer que todas as faces do desejo são legítimas (salvo quando houver estupro), e propiciar a defesa da diferença, porque sem diferença a sociedade não tem sabor (...) são todos processos que a gente tem que reconhecer no desenvolvimento de uma cultura que não se conforma com a institucionalidade burguesa e careta.” (Foster 1997).

Cabe ainda explicarmos a escolha do título de nosso trabalho. Consideramos que a violência moral imposta pela sociedade aos homossexuais se constitui tanto na eliminação daquele que não opta pela relação sexual homem/mulher e daquele que serve de vítima alternativa para o desvio de tensões quanto na indefinição das fronteiras entre o público e o privado. Assim, todas essas formas de violência caracterizam o sacrifício àqueles que, de algum modo, ficam expostos às situações de agressão, tal como tentamos abordar no trabalho. Daí a justificativa para o uso do termo “sacrifício”. Já o vocábulo “humanização” refere-se às noções construídas por Candido e sugere uma sensibilização da nossa parte diante da situação problematizada no conto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Caio Fernando (1995). *Aqueles Dois. Morangos Mofados*. 9. ed. São Paulo, Companhia das Letras.
- ARENAS, Fernando (1992). *Estar entre o lixo e a esperança: Morangos Mofados*, de Caio Fernando Abreu. *Brasil/Brazil*. Ano 5. N. 8.

- BAKHTIN, Mikhail (1988). O plurilingüismo no romance. *Questões de literatura e de estética - a teoria do romance*. São Paulo, UNESP/Hucitec.
- CANDIDO, Antonio (1995). O direito à literatura. *Vários escritos*. 3.ed. São Paulo, Duas Cidades.
- COSTA, Jurandir Freire (1999). A intencionalidade da dor. *Razões públicas, emoções privadas*. Rio de Janeiro, Rocco.
- FOSTER, David William (2000). Propuestas. *Producción cultural e identidades homoeróticas — teora y aplicaciones*. San José, Editorial Universidade Costa Rica.
- _____ (1997) . Quem vai fazer o ‘Morango e chocolate’ brasileiro? É preciso fazer um ‘Banana e Abacaxi’ no Brasil. 06/07/1997
- GIRARD, René (1990). O sacrifício. *A violênda e o sagrado*. São Paulo, Paz e Terra.